



Editorial

A Revista ARA, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), nesta segunda edição, congrega volume denso de estudos, ligados à temática *Tempo e Memória*, julgados pelo Conselho Editorial, agora alargado, compartilhado com José Lira, Luiz Recamán, Regina Lara e Márcia Merlo. A seleção contou com análise apoiada em parecer de estudiosos e preparada pelos integrantes atuais do Grupo Museu/Patrimônio (GMP), Adrienne Firmo, Anna Maria Rahme, Amanda Ruggiero, Márcia Gregori, Regina Lara e Paulo Barbosa, com análise de imagens por Bianca M. A. Dettino, que antes integrou o Grupo.

Os textos vieram de profissionais, desde recém-formados aos de longa carreira, sendo selecionados pelo ineditismo, adequação ao tema, bibliografia, argumento e mérito, via analogia e comparação. Procurou-se acolher múltiplas investigações, tendo recebido conjunto ressaltável e proveniente de vários estados do país, o que surpreendeu, levando-se em conta o fato de que o

edital foi convocado pela primeira vez, por meio de Submissões e graças à divulgação de colegas, instituições, conselhos e unidades.

Diferentemente deste, o número inicial da Revista ARA expôs princípios, problemas e estudos sobre *Objeto*, com a peculiaridade de agregar todos os integrantes então atuantes no Conselho Editorial e/ou no GMP da FAU-USP, decisão ética embasada em simetria entre fazer e julgar. Assim, nesta época produtivista habitada por quantificadores, índices, códigos e credenciadores, a edição inaugural ensejou, aos estudiosos, conhecer *tempo*, *memória*, lugar de onde se fala e valores sustentados pelos membros, antes mesmo de ser examinado.

A palavra *ara* em tupi guarani aponta para *tempo*, aqui analisado pelos autores e autoras na relação com a *memória* e nos diferentes recortes da tríade passado, presente e futuro. Inúmeros artigos interpretaram o conceito a partir de problematizações, entre as quais: Quando se interfere em uma forma, na qual fragmentos ainda persistem, qual das temporalidades cairá no esquecimento e qual será alvo de resignificação – seja em arqueologia, biologia, história, arte, arquitetura – ou ao se projetar para modificar espaço urbano? Há sempre uma edição do herdado, sendo atual se explicitar e inquirir sobre o porquê ressaltar, como encarar o deterioro e até que ponto se pode interferir? Enfim, trata-se de indagar, como evitar preconceito ou versão edulcorada do passado e agir de forma crítica?

O questionamento referido partiu de muitas colaborações, valendo-se também tanto do cotejamento com pensadores quanto em relação às manifestações contemporâneas. Ao analisar obras, antes e depois do moderno, os textos desvelaram a complexidade, desde interferências até o processo preservacionista em instituições diversas. Encontram-se neste debate fundamentadas em diálogo entre estudiosos e com lastro histórico de determinados conceitos, como se constata nos artigos de Iaci d'Assunção Santos, Susana Valansi, Helio Herbst e no de Apresentação desta edição, realizado em coautoria com Anna Maria Rahme.

A Revista ARA procura colaborar com o a extroversão de investigações interdisciplinares e atuais, de modo a incentivar estudos situados em espaços fronteiriços e em meio às áreas de conhecimento, assim dando as costas ao corporativismo equivocado, lamentavelmente ainda vigente em vários quadrantes. Visa dar voz aos que problematizam clichê, fórmula repetida *ad nauseam*, privilegiando-se reflexão sobre as distintas configurações assumidas pela conjugação entre *Tempo e Memória*. Abarca, nesta edição museologia, arqueologia, arte, música, arquitetura, urbanismo, restauro, semiótica, literatura, história e física.

O resultado conflui também no realce aos nomeados *lugares da memória*, conceito-título concebido por Pierre Nora; igualmente se debatem formas de *representação coletiva*, entre práticas e apropriações, como bem formulou Roger Chartier; outro autor revisitado foi Walter Benjamin, sublinhando-se questões acerca do *autor*, *narrador*, *historiador* e *reprodutibilidade*; ou ao se erigir variadas identidades em relação a si e aos outros no *multiculturalismo*, segundo Stuart Hall; adicione-se a *teoria da recepção*, no sentido proposto por Hans Robert Jauss sobre o alargamento do *horizonte de expectativas*; e o mote relativo ao espaço, dentre *fixos e fluxos*, a partir de Milton Santos. Entre as matérias, que permeiam esse universo, cito as investigações das duplas, Carolina Vigna Prado e Pedro Taam, Maria Ester Lopes Moreira e Sharine Machado Cabral Melo, a par das individuais de Nathalia Valença Duran, Susana Valansi e Helio Herbst.

Vivemos em época dita de *pós-verdade*, célere na fabricação de fatos, espetáculos, ídolos, informações, dados, contaminados por interesses dissimulados, alterando-se a relação *Tempo e Memória*. Se se inventa hoje dada história, que passa a ser viralizada na rede digital e não refutada, então, como o *tempo* futuro interpretará o que se disseminou na *memória* coletiva, destes *tempos*? Cabe alertar e apontar para cenário oposto, como se constata em todos os artigos, vale dizer, estes assentados em pesquisa sobre conhecimentos provenientes de situações díspares, de modo a combater a crise de ideias e refutar posições polarizadas entre extremos, tanto em vida e política quanto em universidades. O *tempo* célere da atualidade convive com alargamento

tecnológico, cabendo perguntar: o que legaremos às próximas gerações com o presente bombardeamento de informações, até as engendradas e falsas?

Pensadores atuais há muito têm alertado para a questão da relatividade interpretativa, necessidade de se delinear inúmeros recomeços, ou mito fundador, para se checar o consagrado e naturalizado como verdade postular. A maioria dos trabalhos desvela sentidos de forma polifônica e penetra em momentos para além do dito, construindo camadas de *Tempo e Memória*, por meio de linearidade ou não do *tempo*, buscando rotas difusas, deslizos, fricção e desconstrução de *memórias* naquilo que se consolidou como verdade. Observe-se como os artigos de Santos, Sousa Júnior, a dupla Prado e Taam, chamam a atenção para a crítica do relato em diferentes objetos investigativos.

Outra abordagem a ser ressaltada engloba *Tempo e Memória* por meio de narrativas fixadas em valores histórico, rememorativo, político e afetivo, junto ao tema política pública, morte de objetos, o ontem enterrado *versus* ressemantizado e o questionamento acerca do que constituirá as instituições preservacionistas no futuro sob a denominação de acervos; e diferenciação entre espaço e lugar, preocupação a permear muitos trabalhos, entre os quais menciono os de Sousa Júnior, Duran, Moreira e Melo.

A edição contou com textos, bibliografia, investigações selecionadas, Conselho Editorial, Pareceristas, Editoria de Arte, Analista de Imagens, Revisores e o habitual apoio da FAU-USP. Na prática, reitera-se como operosidade, mérito, trabalho em equipe e coragem para aceitar desafios produz resultados distintos a coligar Docência, Ensino, Cultura e Extensão. Convido a fruir este conjunto, compartilhar e nos enviar críticas e sugestões para ampliar temas e questões nos próximos números. Aguardo e agradeço a todos. Ao ensejo lançamos o tema do próxima edição - *(IN)VISÍVEL*.

***Ciça Lourenço,
Início do Outono, 2017.***